

EDUCAÇÃO



VITOR JUBINI

Ludmila Rosario passou em Farmácia, e Karoline Mendes foi aprovada em Psicologia. Elas venceram os desafios e sonham com o futuro melhor que seus pais não tiveram

TROFÉUS DE SUPERAÇÃO NAS MÃOS DOS COTISTAS

Eles representam 45% dos aprovados no vestibular deste ano

▀ **IARA DINIZ**
idiniz@redegazeta.com.br

Ludmila, Danilo e Karoline têm mais coisas em comum do que a cor da pele. Eles são três dos 1.439 estudantes cotistas aprovados no vestibular da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) este ano. Vítimas do preconceito, eles superaram o ensino precário das escolas públicas e a dificuldade financeira para ingressar em uma universidade federal.

Desde que a Ufes adotou a política de cotas, em 2008, a presença de estudantes que se declaram negros, pardos e indígenas de baixa renda aumentou em média 10%, de acordo com dados da Comissão Coordenadora do VestUfes. Neste ano, os cotistas representam 45% dos 3.198 aprovados no vestibular. Graças às ações afirmati-



“Durante o curso, vou contar com a ajuda de um tio para despesas com material. Pretendo ajudar minha comunidade com projetos sociais quando me formar dentista”

DANILO SIMÕES, 18
Passou em Odontologia

MARCELO PREST

vas, eles têm cada vez mais acesso ao ensino superior e formam o novo perfil dos universitários.

Filha de um pedreiro e de uma dona de casa, Ludmila Rosário Santos, 20 anos, tinha tudo contra ela para entrar numa universidade. Negra, de escola pública, a estudante sentia o peso das limitações sociais: “Quando terminei o ensino médio, me sentia despreparada para cursar uma faculdade. Eu sabia que não tinha aprendido na escola nem metade do que meus concorrentes”, contou.

A estudante optou por um curso técnico e dividiu as horas de estudo com o estágio para ajudar a família. No último ano, decidiu prestar vestibular e conquistou o 4º lugar na reserva de vagas em Farmácia. “Não tinha dinheiro para cursinho, então

estudei em casa. As cotas me deram a oportunidade de inclusão, algo que meus pais não tiveram”, disse.

Criada sem a presença de um pai, Karoline Mendes Santos, 18, viu a mãe desistir do curso de Psicologia por conta dos gastos. Cresceu convivendo com o preconceito e sabendo que precisaria rompê-lo para chegar à universidade. “Ouvia as pessoas questionando as cotas raciais, citando exemplos de negros que passaram no vestibular sem precisar disso. Mas só quem é negro sabe das oportunidades que não teve. Eu acordava 5h30 para conseguir chegar às 7h30 no cursinho. Lá, de 80 alunos na sala, só 5 eram negros. Todos eles eram bolsistas como eu”, lembrou.

Karoline percorreu um caminho duro até conquistar o 2º lugar em Psicologia. Após a primeira repro-

APROVADOS

1.439

cotistas
Número de aprovados por meio de cotas no vestibular da Ufes em 2016.

vação, pensou em desistir e trabalhar. Mas, na segunda tentativa, alcançou nota maior do que muitos não cotistas que disputavam a vaga. “Só eu sei do que tive que abrir mão. Esta vaga representa muito para mim”, disse orgulhosa.

DEDICAÇÃO

Para a pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, Andrea Mongim, as histórias de vida dos estudantes cotistas são o motivo da busca pelo ensino superior. “A maioria deles é extremamente dedicada aos estudos e vê na educação uma possibilidade de melhorar de vida, de ser incluído socialmente. Eles fazem sacrifícios, porque aquilo é um troféu para eles”, comentou.

É assim que Danilo Simões Gobbetti, 18, vê a conquista do vestibular. Para garantir a vaga em Odontologia, ele frequentou o cursinho gratuito do governo e contou com um esforço a mais dos pais. “Não nasci com privilégios, minha mãe é manicure e meu pai é técnico. Tivemos que nos apertar e agora vou contar com a ajuda de um tio para despesas de materiais. Quero me formar e dar às pessoas carentes oportunidade de ter higiene bucal”, disse.

Até pouco tempo atrás, alunos como Danilo não teriam acesso a um curso de Odontologia, concorrido e com altos custos. A política de cotas, porém, permite diversidade no ensino superior.

“Antes você tinha um perfil muito pouco diversificado, predominava uma elite branca em cursos como Medicina, Direito e Odontologia. As cotas permitem que o filho da empregada doméstica também faça Medicina, o que é extremamente positivo pois aproxima a universidade um pouco mais da configuração social existente”, concluiu Andrea Mongim.

SONHO REALIZADO

“SEREI A PRIMEIRA DA MINHA CASA A CURSAR O ENSINO SUPERIOR”

Francielly Soares
Passou em Medicina

« A primeira futura médica da família Soares Moura tem pele escura, cabelos cacheados e sempre frequentou o ensino público. A política de cotas foi fundamental para que a filha de uma doméstica com um caminhoneiro fosse a pioneira em casa a cursar o ensino superior.

Entrar para a Medicina na Ufes exigiu tantos sacrifícios que Francielly Soares Moura, 23 anos, quase deixou o sonho pelo caminho. Aluna do ensino público, ela prestou vestibular cinco vezes. Se não fosse por uma bolsa em um cursinho, este poderia ser o sexto ano de estudos. “Minha família não tinha condições de pagar nem metade do preço do cur-



MARCELO PREST

sinho. A bolsa me deu condições de competir de maneira mais igual com outros candidatos. Quando você sai da escola pública, a única certeza que você tem é de que vai demorar um bom tempo para entrar em uma universidade”, contou.

Sem condições de cursar uma faculdade particular ou mudar de estado para cursar uma federal, Francielly só tinha uma opção: passar na Ufes. Para alcançar o objetivo, ela teve que enfiar a cara nos livros, criando uma rotina de até 12 horas de estudos.

O esforço foi recompensado com a aprovação no vestibular como cotista. Agora, ela quer recompensar aos pais os sacrifícios que fizeram por ela. “Eles abriram mão de muita coisa para que eu pudesse me dedicar só aos estudos. Para mim, esta vaga

tem muito valor e eu vou mostrar que o cotista tem a mesma capacidade de que quem não tem cotas. Agora que entrei na universidade, não quero parar de estudar. Meus pais finalmente vão ter uma médica dentro de casa”, concluiu.

ANÁLISE

Cotas permitem diversidade no ensino

« A política de reserva de vagas faz parte de um sistema que corrige determinada injustiça na educação. O que se via nas universidades federais era o inverso do que se pretende para o ensino público. A maioria dos ingressantes vinha de instituições particula-

res e a universidade, principalmente nos cursos mais concorridos, era ocupada massivamente por uma elite. Essa inversão em termos de política educacional está sendo dissolvida pelas cotas, que está permitindo o acesso de estudantes de baixa renda,

negros, pardos e indígenas ao ensino gratuito. São pessoas que valorizam mais este espaço, pois não o alcançavam até pouco tempo. Mas defendo a necessidade de políticas efetivas na educação básica pública para que as cotas não sejam eternas.

GILDA CARDOSO
DOUTORA EM EDUCAÇÃO

Cotista foi primeiro lugar em Arquitetura

« Entre centenas de candidatos, era o nome de Emanuel da Silva Sala, 17 anos, que estava no topo da lista. Estudante de escola pública, a jovem desconstruiu o mito de que as cotas rebaixariam o nível do ensino na universidade. A nota dela (33,02) foi a maior no curso de Arquitetura e Urbanismo, um dos mais concorridos na Ufes.

“Sempre achei que a maior nota viria de um aluno de escola particular. Eu era dedicada, mas a gente sabe dos problemas do ensino público. Na minha escola só queriam que a gente passasse de ano, ninguém se preocupava se você queria fazer vestibular”, comentou.

O desempenho de alunos cotistas joga por terra um dos principais argumentos dos que são contrários às cotas nas universidades públicas. A pontuação deles no vestibular é

muito semelhante à dos não cotistas. Em alguns casos, até superior.

Neste ano, em pelo menos 10 opções de graduação da Ufes os cotistas tiveram melhor desempenho do que os não cotistas. Em Letras (Libras), a nota de corte (21,14) dos estudantes de escola pública com renda abaixo de 1,5 salários foi maior que a máxima de um não cotista (21,02). Já em Medicina, curso mais concorrido, a diferença entre os que não optaram por cotas para os que optaram foi de apenas um ponto.

“As cotas deram certo porque seus beneficiados são competentes e merecem frequentar uma universidade pública e de qualidade. Eles passaram pelo mesmo processo seletivo que os outros”, disse Andrea Mongim, do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros.



VITOR JUBINI

Vida nova

Filho de agricultores, Mateus vai deixar o sítio onde mora para cursar Engenharia de Computação na Ufes.

“Tenho uma oportunidade que meus pais não tiveram. Me dediquei e conquistei uma vaga”

MATEUS ULIANA
Passou em Engenharia